

QUESTÕES PEDAGÓGICAS

NOÇÕES DA ARTE DA ARMARIA.

I — INTRODUÇÃO.

No segundo quartel do século XIX, as atenções dos anti-quários e dos artistas começaram a dirigir-se para o estudo das artes e das ciências da Idade Média. Por quase toda a Europa, uma série ininterrupta de investigações importantes e geralmente férteis em resultados, foi entre todas as especialidades artísticas, a Armaria, aquela cujo estudo permaneceu em maior atraso.

Há necessidade de exemplificar melhor quando dizemos armaria, pois tanto serve o vocábulo para designar a ciência do armeiro e do alfageme (vocábulo de origem árabe “Al-Nha a Jjem” (1), cujo significado é o nome dado ao cirurgião que applicava ventosas, depois de sangrar a parte do corpo e tratá-la, ou no sentido de afiar armas brancas ou ainda no sentido de fabricantes de alfanges que provém de “Al-ehan-Jar”), como para designar a ciência do braço. Usaremos o vocábulo armaria na primeira acepção, preferindo usar o termo Heráldica, para a segunda, ou seja a arte ou a ciência do braço.

Reinava, ainda em 1855, a máxima confusão neste ramo da arte. A maior parte das classificações, mesmo entre seus especialistas, que naquela época eram considerados artistas infalíveis, não satisfiziam.

As classificações eram empíricas, irrisórias e infantis por vezes, de tal forma que continuaram a desnortear muito mais que instruir, quer artista, quer amador, que se embrenhasse nos museus de armas antigas.

Diversas foram as causas que concorriam para alimentar esta situação, tomando vulto dentre elas, a falta de conheci-

(1). — Alfageme, alfagem, do árabe al-hhajjem com a troca do hh pelo f, nome dado ao cirurgião que applicava ventosas depois de sangrar a parte do corpo a tratar. Alfanja, alfanjar e alfange de al-khanjar, cutelo largo, curto e curvo que servia para golpear e não para cortar. Houve troca de kha pelo f. Armaria, de Al-imara, a construção, nome do lugar, do verbo ammara, construir, aparelhar (Dicionário etimológico dos vocábulos portugueses derivados do árabe de Ragy Basile).

mentos exatos acêrca da indumentária. Esta arte é muitas vêzes a chave da verdadeira classificação das armas defensivas, que freqüentemente entrariam como peças móveis (cota, elmo, sapata, pernas armadas, guante), no braço.

Eis a razão porque as armaduras obedecem em geral às formas dos trajes usados nos períodos em que foram feitas, não devendo ser estilizadas, para não correrem o perigo de elaborar em mendacidade.

Em via de regra, não apresentava o menor problema as classificações a exuberância das lendas e fábulas, que andavam ligadas aos museus. Lendas forjadas muitas vêzes no intuito de se lhes exagerar a importância ou com o fim de se lisonjear a vaidade, quer nacional, quer de campanário, fazendo figurar certas armas como testemunhas de pelejas e façanhas passadas em épocas bem distantes, contra as quais gritavam em vão a configuração estética e especialmente o **caráter histórico** indevido, dessas mesmas armas.

Ainda, na época, contávamos com as imposturas inventadas com o fim especial de surpreender a boa fé do colecionador inexperiente, em geral bastado burguês.

Ora, tôda gente sabe que, se a vaidade lisongeada é fácil de convencer, teremos em contra-partida, a luz da verdade, quando fere o amor próprio, encontra olhos cegos.

Hoje em dia, embora se tenha operado grande progresso, as classificações sérias, porém modestas, encontram da mesma forma resistências obstinadas, sempre que vão de encontro a essas fábulas e imposturas.

Colaboram para essa situação anárquica, os literatos, poetas e artistas coevos da evolução romântica do século XIX, os quais, nesse período de entusiasmo, filho de uma reação, que se operou em favor da arte medieval.

Em todos os setores, tanto nos livros, telas, esculturas e teatro, se puseram a celebrar a torto e a direito cavaleiros cobertos de ferro, pesadas armaduras, elmos etc. confundindo tudo, misturando épocas, estribando sua autoridade puramente literária à consagração do anacronismo, desprezando o ponto de vista equilibrado da História.

Felizmente, em favor da armaria, no último quartel do século XIX, de súbito se operou uma reação, para qual se voltaram as atenções de alguns investigadores sérios e conscienciosos.

Vamos encontrar dentre precursores da reavivação da armaria, o inglês Meyrick Hewitt, autor de catálogo de armaria

da Tôrre de Londres, Haltenck, especialista alemão, Penguilly L'Haridon que foi Diretor do Museu de Artilharia de Paris e Henri Demmain, famoso enciclopedista a quem coube a honra de fixar os processos de estudo comparativo, imprimindo às investigações, uma direção mais prática e mais metódica em seu livro **Guia do amador de armas antigas**.

Seu livro traduzido em várias línguas e publicado simultaneamente em diversos países da Europa, embora no século passado, ainda hoje é freqüentemente consultado.

Graças aos esforços reunidos destas autoridades, reformaram-se os catálogos dos principais museus da Europa, dissipando de uma vez por tôdas, as trevas que envolveram por muito tempo esta secção artística, que nos últimos períodos ogivais e do início do Renascimento assumiu tamanhas proporções e deu lugar a tantas e tão perfeitas manifestações do engenho artístico das gerações que nos precederam.

O aparecimento da arma de fogo trouxe, sem dúvida, a decadência da armadura e restringiu pouco a pouco o uso da arma branca; o espingardeiro rapidamente tornou obsoleto o armeiro e o alfageme. O desenvolvimento da artilharia deu o golpe final nas armas artísticas.

A decadência das armas de corpo ou armas defensivas, antecipa-se muito, a das armas ofensivas.

Desde meados do século XVII ao terceiro quartel do século XVIII podemos chamar de período agonizante da armaria, aliás época nefasta para as artes, da peruca, do martelo e do rabicho.

A armadura da qual gradualmente se foram suprimindo e pondo de parte peças componentes, tornou-se pesada, feia, até ridícula e grotesca.

As armas ofensivas resistiram um pouco mais, ainda em pleno século XVII encontramos formas artísticas e graciosas, principalmente em espadas e punhais.

Como legado do século XVIII, só temos tipos banais e pouco interessantes.

No século XIX, com raras exceções, atendem sempre mais ao lado prático e ao uso e manêjo cômodo da arma, do que ao seu caráter estético, ficando seus produtos fora do domínio da arte.

Afirmamos, sem mêdo algum de elaborar em êrro, que o estudo da armaria, mesmo muito superficialmente, nos dará noções suficientes para formarmos um modesto conhecimento geral desta interessante especialidade e das suas evoluções periódicas, cronologicamente observadas, as quais constituem

ramo da História, indispensável para o conhecimento dos costumes e vigor, íntimo dos povos, conhecimento êsse, sem o qual ficaria muitas vêzes, incompleta a compreensão de um sem número de fatos históricos.

*
* *
*

I. — Elementos para o estudo da Armaria: museus, manuscritos e códices.

E' a Armaria arte de profundo gôsto estético que infelizmente na atualidade vive das glórias do passado.

Vamos encontrar as principais fontes de estudo nos museus, nas arrecadações (nome dado antigamente aos arsenais) e nas coleções ou repositórios particulares. Servimo-nos ainda dos manuscritos antigos e códices de iluminuras dos períodos medievais e ogivais, como também das estampas e gravuras da época do **Renascimento** clássico, reproduções dos desenhos de artistas, destinados a fornecer aos armeiros e alfagemes debuxos preparatórios para os seus trabalhos.

Há necessidade de muita reflexão e discernimento na observação e posterior seleção e expurgo dêstes documentos, os quais nem sempre se podem tomar a sério.

Uma das razões que mencionamos em primeiro lugar é que êsses desenhos, embora admiráveis na sua generalidade, nem sempre correspondem às condições práticas indispensáveis, por serem de impossível execução. Torna-se também necessário apartar as fantasias pessoais dos artistas, as pretensões dêstes em ditar o gôsto de sua época, acrescido às tentativas, por vêzes pueris, de reconstrução arqueológica das armas da Antigüidade clássica. Tais tendências são encontradas nos trabalhos dos iluministas dos períodos decadentes da arte ogival, principalmente entre os fins do século XV e os meados do século XVI, período em que as atenções e os estudos se foram dirigindo progressivamente para a leitura dos clássicos e para a observação dos monumentos da arte grega e romana. Isto equivaleria afirmar que não basta ser um primoroso artista, sem ter paralelamente, uma técnica especializada na difícil arte da Armaria, que fornecerá elementos básicos para a futura confecção correta dos brazões de armas.

As narrações dos cronistas, as listas dos antigos armazéns das armas e dos fornecimentos das mesmas para as emprêsas marciais, a pintura, a escultura, a estatuária arquitetô-

nica e tumular, a tapeçaria e finalmente tôdas as artes suntuárias, desde o início da Idade Média até ao Renascimento, fornecem outros tantos elementos de magna importância para o investigador em assuntos de Armaria.

E' aliás indispensável (e sem isto não há conhecimento profundo, nem classificação segura) penetrar bem na história do progresso da serralheria, da escultura e da gravura em metais, tanto no tocante a parte artística, como no que diz respeito à parte mecânica, porque não menos do que ao período histórico indicado pela configuração e pormenores de uma arma ou armadura, há sempre que se atende ra maneira como estiver trabalhada; a data aproximada da existência da peça de ferramenta, empregada no aperfeiçoamento de uma arma qualquer, é, para a sua autenticação ou classificação cronológica, de tanta importância a marca de fabrico ou sigla do armeiro ou alfagem.

Sem estas siglas ou marcas, monogramas ou timbres, que são facilmente reconhecidas pois acham-se compiladas em catálogos especiais, além do estilo e forma, as peças seriam de difícil classificação.

As armas para o fornecimento dos exércitos constituíram, como é fácil de supor, o núcleo dos principais arsenais-museus nos países em que êstes existem.

O gôsto pelas recopilações de armas raras e exóticas, data do princípio do Renascimento e remonta a êsse período a existência de várias coleções entre as quais algumas adquiriram merecida celebridade.

Um dos primeiros que se teve notícias foi o de Luís XII de França, em 1502, que já tinha seu Gabinete de Armas, onde haviam exemplares valiosos.

O Museu de Dresde teve início com a coleção particular de Henrique, o Piedoso, que a iniciou no século XVI. Felizmente encontramos na figura de Augusto I, Eleitor de Saxe, um continuador entusiasmado. Em seu govêrno (1553-1586) fêz lavar a **Fórmula de Concórdia** para estabelecer a unidade entre os luteranos, tendo-se oposto tenazmente à **Dieta de Augsburgo** e à introdução do calendário **Gregoriano** na Alemanha protestante. Êste príncipe sempre encontrou tempo para continuar a coleção iniciada por Henrique, com o mesmo carinho e apurado gôsto artístico.

O Marechal Strozzi, célebre nos anais da história portuguesa, especialmente pelos serviços prestados ao Prior de Cra-

to, nos quais perdeu a vida nas águas dos Açores, legou a seu filho uma importante coleção de armas.

Uma das mais ricas da Europa é a coleção do Castelo de **Ambras**, situado nas margens do **Inn**, perto de Innsbruck, na Áustria. Possuía bela coleção de armas antigas, que hoje se encontra no Museu de Viena. Em 1806 as tropas de Napoleão assaltaram-no, apoderando-se de diferentes armaduras, entre as quais a de Francisco I de Valois, que posteriormente, foi reencontrada, indo para o Museu de Artilharia de Paris. Além das armaduras, havia preciosas coleções de manuscritos e de desenhos originais de armas executadas sob a direção de Maximiliano, Imperador da Alemanha. Foi seu iniciador Fernando I, Imperador da Alemanha, em 1570. Nesta coleção podemos ainda destacar as famosas aquarelas de Glockentorn, especialista de modelos de armas e armaduras.

Viena possui ainda o **Arsenal da Cidade** e o **Arsenal de Artilharia**, tendo em seu interior o **Gabinete de armas dos Imperadores**, do qual foi seu conservador Horace Leitner, a quem se deve um catálogo dos mais completos.

No assunto, a Inglaterra possui além de muitas coleções particulares e museu secundários, a vastíssima coleção da famosa Torre de Londres, a maior das existentes, e o Museu Llewelyn Hewett, um dos mais completos. A Torre de Londres, onde já em datas bem remotas havia um arsenal organizado, só em 1630 foi transformado em Museu, formando-se aí o núcleo da coleção com as armas que se puderam salvar das pilhagens e tomadias praticadas durante as guerras civis e de religião.

A classificação dessas armas foi iniciada no último quarter do século XIX pelo erudito doutor Meyrick e terminada por J. Hewett, o qual publicou um excelente catálogo.

O Museu de Artilharia de Paris, fundado em 1788, nas vésperas da Revolução Francesa apesar das vicissitudes por que o fizeram passar as diferentes revoluções, contém em seu acervo mais de 6.000 exemplares de armaria em todos os gêneros e especialidades. Localiza-se o Museu de Artilharia e Museu Retrospectivo do Exército, no Hôtel des Invalides, fundado em 1670, por Luís XIV, para os veteranos feridos do exército francês. Atualmente ainda obedece a classificação dirigida por Penguilly L'Haridon, feita no século passado.

A Napoleão III devemos a iniciativa da fundação do Museu dos Soberanos. Este Imperador dos franceses, mandou res-

taurar o Castelo de Pierrefonds (2), onde instalou sua coleção particular. Possuía largos conhecimentos de Armaria e a êle esta ciência deve alguns serviços.

Podemos incluir na classificação dos bons museus de armaria da Europa o de Berlim, o de Turim, que foi fundado por Carlos Alberto em 1833. Êste foi sobrinho e sucessor do Rei Carlos Félix, apesar de hábil general, foi vencido pelos austríacos em Novara, em 1849, e teve de abdicar em favor de seu filho Victor Manuel II. Após sua abdicação, retirou-se para o Pôrto, onde faleceu quatro meses depois. Podemos incluir ainda nesta lista o Museu de Milão, que contém exemplares formosos e não menos raros.

O Museu de Munique é sempre mencionado, não só pela sua ótima disposição, como também por ser onde melhor se podem seguir as evoluções cronológicas da Armaria. Rivaliza o Museu de Munique com o de Sigmatingem, cidade da Alemanha situada nas margens do Danúbio.

São considerados bons, porém um tanto resumidos, os museus de Estocolmo e o de Copenhagem.

São notáveis entre todos o Museu de Tsarkoe-Selo, em São Petersburgo e a Armaria Real de Madri, ambos com grandes raridades, riquezas e os exemplares de grande valor histórico, porém com falhas na parte de classificação. O de Madri, sofreu grandes perdas durante o incêndio de 1884, ocasião que estava passando por uma nova organização.

Nos cantões da Suíça são encontrados vários museus de armas, dignos de menção.

A Holanda é realmente pobre tanto em museus de armas como em Armaria.

Uma coleção bem grande tem Bruxelas no seu museu da Ponte du Hall.

Em Portugal, no Museu da Diretoria Geral de Artilharia, encontramos uma bela coleção, porém se a observarmos de perto, chegaremos à conclusão que várias causas concorreram para o seu empobrecimento. O uso da armadura e consequentemente o de certas armas brancas, inventadas para neutralizar a eficácia da defesa, nunca se generalizaram entre as nações da Europa meridional, ao contrário do que aconteceu entre os povos do Norte. As boas armaduras eram caras e caríssimas as que eram artisticamente trabalhadas. Ora, Portugal não foi rico até o século XVI e, nessa época, as suas

(2). — Pierrefonds, magnífico castelo feudal do fim do século XIV, reconstruído por Eugène Emmanuel Viollet-le-Duc (1814-1879), em 1862.

guerras foram sempre em climas tropicais, sob sol ardente, insuportável para tais armaduras. Mesmo assim encontramos exemplares do tempo de D. Manuel, o Venturoso, no Arsenal das Armas dos Paços da Ribeira: peças de justa, de torneio ou de simples aparato. Alguns autores afirmam a existência de várias coleções, em Lisboa, antes do terremoto de 1755, sendo a do Palácio dos Condes de Ericeira a mais notável.

Os historiadores assinalaram a dificuldade que surgiu para se reunir armaduras e armas suficientes para o municiamento da expedição a Marrocos, levada a efeito por D. Sebastião.

Ninguém ignora o desastroso fim desta expedição no qual pereceu o rei e foi de roldão a própria monarquia portuguesa. E' de se presumir que depois de Alcácer-Quibir as armas que não ficaram em poder do inimigo, foram mais tarde vendidas, juntamente com valiosas alfáias, a fim de apurar numerário para pagar o resgate de cativos. Logo após êsse calamitoso desastre, sobe ao trono português o Cardeal D. Henrique, cujo reinado foi de efêmera duração e cheio de sérios problemas para a monarquia.

O Arsenal dos Paços da Ribeira foi muito dizimado durante a usurpação dos Filipes. Foram transportadas para Madrid as melhores e mais ricas peças, as armas de torneio ou objetos que por muito antiquados e fora de uso não se puderam utilizar para a empresa de Marrocos.

Depois da Restauração em Portubal por D. João IV, o 21.º monarca luso, cognominado o Restaurador, e fundador da dinastia bragantina, durante a defesa do reino contra as armas castelhanas, para consolidar a restauração, teve de travar uma luta constante para reunir e reaparelhar os fornecimentos de armas. E' de supor que o uso da armadura nessa época estivesse muito simplificado e tivesse sofrido muitas transformações em seu aspecto e forma gerais que se acomodasse ao geito da época, tôdas as armas que se achavam em estado aproveitável.

Mais tarde a armaria caiu em absoluto desuso, sendo votada ao desprezo pelos homens do rabicho. Esta geração, que podemos chamar do "maneirismo" e do gôsto afetado, nos explica perfeitamente, porque deixou durante a invasão francesa no século XIX, saquear o pouco de armas que restava, tanto pelo exército invasor, como pelos auxiliares inglêses, que certamente não se faziam rogar, pois na Inglaterra, já se esboçava apurado gôsto pelas armas antigas.

* *
*

II. — Período medieval da armadura (Alta Idade Média até o século XII).

A Armaria traça seus contornos num processo histórico, tendo como base o início da fragmentação do Império Romano.

Na ocasião em que o **limes** do Império Romano começa a ser pressionado pelas forças invasoras dos bárbaros, os costumes caem numa rudeza, tornando obscuros os primeiros períodos da Idade Média. Poucas são as notícias encontradas nos escassos documentos dessa era e provam apenas a que ponto estavam esquecidas as tradições da civilização romana.

O armamento dos bárbaros invasores e dominadores da Europa foi rude e imperfeitíssimo, portanto, quase destituído de interesse artístico, especialmente para a armaria.

O couro cru e a sola formavam a base da armadura do senhor ou homem rico no século VIII e mesmo até atingirmos o século X.

Era simples, destituído de qualquer graça ou arte. Consistia numa espécie de túnica, feita de camadas sobrepostas de tela grossa, descendo até quase à altura do joelho, e cujas mangas não passavam além do sangradouro, sobre a qual se applicava uma rede de tiras de couro cru, cruzando-se em losangos, cujos intervalos, eram reforçados por meio de pregos ou tachas, a que chamavam **Lorega Tachonada** ou loriga, nome derivado do latim **lorica**.

Mais tarde, as tachas desapareceram e os intervalos da rede de couro são preenchidos com lâminas de ferro, também em losango, aparafusadas na tela, a que davam o nome de **Loriga Bardada**.

Os peões usavam também uma **loriga** feita de loros ou correias entretecidas, cujo uso só abandonaram em pleno século XIV.

Havia ainda uma variante que consistia em fixar sobre o couro ou tela grossa, estofada ou estopada, inúmeros anéis de ferro, conhecida por **Loriga anelada**.

Simultaneamente com esses artificios defensivos, encontramos nos raros manuscritos com iluminuras que restam dessa época a representação de certas lorigas ou corpetes mais justos ao corpo e descendo até as coxas, cobertos ou feitos de escamas sobrepostas em parte. (Vide fig. 1).



Fig. 1. — Cavaleiro do século XIII envergando cervilheira de camal, capacete com proteção nasal, espadaão de fôlha larga, loregão e descomunal escudo (Paul Lacroix, *Vie militaire et religieuse au Moyen Âge*, pág. 14).

Esta forma aparece nos **Jizzerans** e **Korazans** da Polônia e da Hungria. Temos a impressão que a **Loriga de Escamas** parece ter sido usada pelos povos do norte da Europa.

A cabeça do guerreiro era defendida pelo capacete, às vezes piramidal e sempre com tendência cônica, o qual do século X até ao século XI, se prolongava para a parte posterior da cabeça formando guarda-nuca, e descendo-lhe na frente uma protuberância até a altura da ponta do nariz, para defender os golpes dados de frente. Este capacete era denominado **Capacete Nasal** (fig. 2) e no século XII vai receber o nome de **Capacete nasal com Guarda-Nuca**.

A elaboração destas armas era tosca. Não eram elas inteiriças, compunham-se de lâminas de ferro sobrepostas e unidas com pregos.

Nesse período, as pernas e os pés do guerreiro parecem ter tido por única defesa um enleio de estreitas faixas de couro, provàvelmnete uma avoenga da perneira. A mão e parte do braço ficavam indefesos.

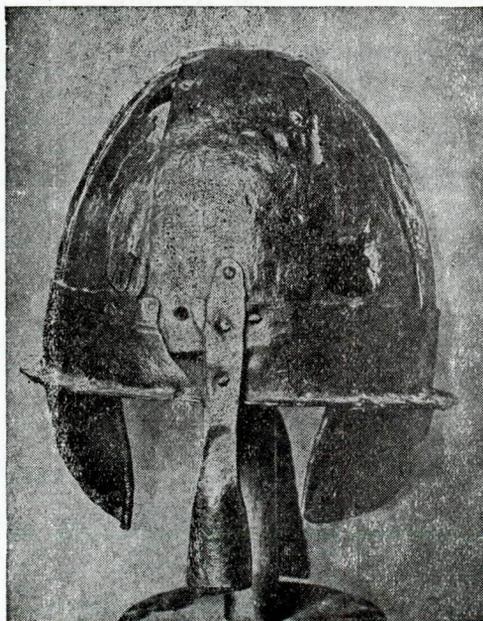


Fig. 2. — Capacete do século XII com proteção nasal, guarda-nuca, chanfros laterais (Weygand, *Histoire de l'Armée Française*, pág. 42).

O **escudo** ou **broquel** (ambos vêm do latim **scutum** e **bucularius** e vão figurar como peças de relêvo em Heráldica) de madeira leve forrado de couro ou de sola, reforçado por tiras ou cruzetas de ferro e tachonado de pregos, variou muito na sua configuração, a saber: redondo, quadrado, amendoado (Fig. 3), ou oblongo, até o século X; assumiu a disposição de triângulo acutângulo no século XI; mas foi sempre concexo e muito grande. Houve escudo que, por suas enormes dimensões, chegou a cobrir o cavaleiro dos pés à cabeça. Era evidentemente destinado a suprir as imperfeições da armadura.

Nos princípios do século XI apareceram algumas lorigas com um capuz do mesmo gênero, que cingia o pescoço e a cabeça do guerreiro, e sôbre o qual assentava o capacete nasal.

Vamos encontrar outra variante da loriga em algumas iluminuras e tapeçarias, representadas como um corpete de meias mangas com as calças altas ou bragas aderantes (donde vem o velho adágio: não se pescam trutas a bragas enxutas), cuja superfície parece apresentar o revestimento defensivo das lorigas já descritas. Obedecia esta variante à forma da roupa modelada ao tronco, muito usada nessa época, observada numa antiga tapeçaria que se encontra no **Mosteiro de Bayeux**, na Normândia, considerada como um dos mais expressivos e preciosos documentos da armaria da Idade Média. A tapeçaria em questão representa a invasão da Inglaterra em 1066 por Guilherme-o-Conquistador, Duque da Normândia. (Fig. 4).



Fig. 4. — Reprodução da Tapeçaria de Bayeux, representando Guilherme, o Conquistador. Observar o escudo amendoado, a lança e o capacete com proteção nasal. (Violet-le-Duc, op. cit., pág. 326).

São também da mesma época alguns exemplares de capacetes, cuja forma se nos apresenta redonda e baixa e outras vezes oval e bastante elevada, ou com formas intermediárias a esta.

Semelhantes lorigas, ou cotas, que eram a armadura privilegiada do fidalgo ou rico-homem, pois que do armamento defensivo do peão pouco se preocupam os documentos da época, conquanto resistissem às cuteladas e golpes das armas de punho,

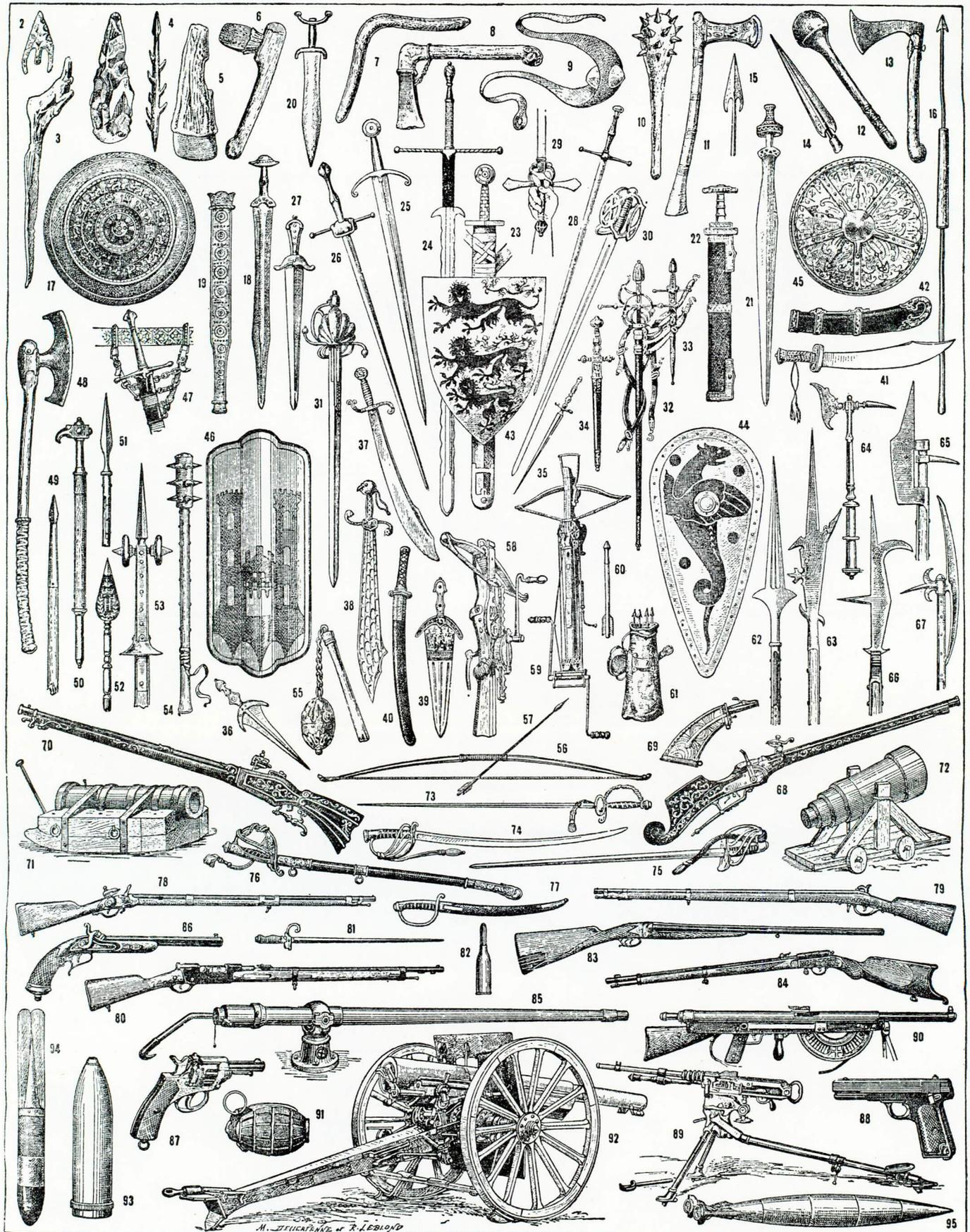


Fig. 3. — Escudo normando de forma amendoada — século XII. (Larousse XIXe siècle, pág. 343). N.º 44.

- Fig. 21. — Escudo do século XV. (Larousse du XIXe siècle, pág. 343). N.º 46.
 Fig. 26. — Escudo do século XII. (Larousse du XIXe siècle, pág. 343). N.º 34.
 Fig. 27. — Adarga. Século XV. (Larousse XIXe siècle, pág. 343). N.º 45.
 Fig. 30. — Arcabuz do século XV. (Larousse du XIXe siècle, pág. 343). N.º 70.
 Fig. 31. — Mosquete do século XVII. (Larousse du XIXe siècle, pág. 343). N.º 68.

defendiam imperfeitamente o guerreiro das armas longas ou de fuste e ainda menos das **frechas** (haste de madeira, com uma ponta de ferro, que se desfere com o arco ou a besta, vocábulo de origem alemã **flicht** e dardos que, com as fundas e a fustibala ou funda suspensa em haste semelhante a chicote, completavam o armamento da infantaria da época.

No primeiro quartel do século XII começa a aparecer e se generalizar, primeiro no norte da Europa, e em seguida no centro e sul, o uso da loriga ou cota de malha, entretecida de malhas de ferro encadeadas umas nas outras.

E' a **brunica**, o **halberg** ou **halbert** dos alemães, pois foi na da Alemanha que veio. Mais tarde em Portugal tomou o nome da **lorigão**, por ser mais comprido do que a loriga. No segundo quartel do século XI já se tinham adicionado à cota as calças baixas de malhas com pés. (Fig. 5).

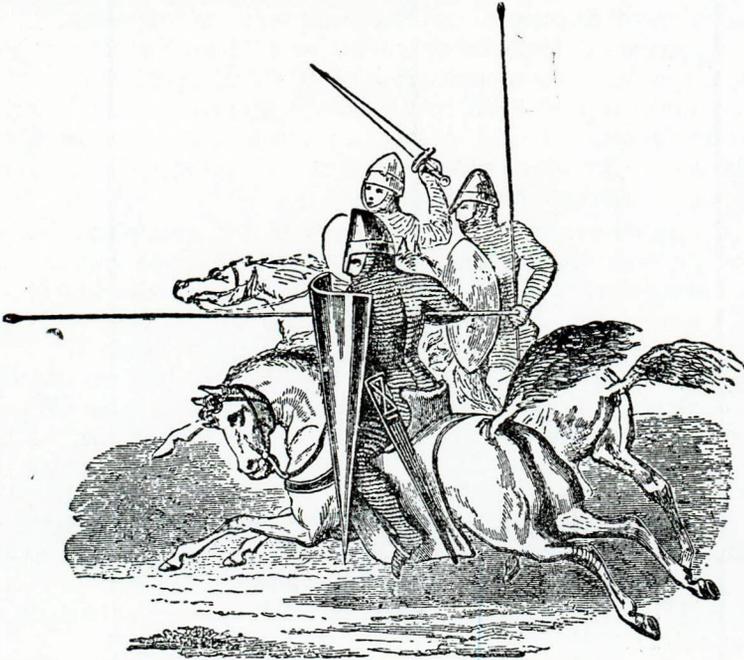


Fig. 5. — Cavaleiros, cobertos com cotas de malha — Século XI — (Paul Lacroix, Usos, costumes y vestidos de la Edad Media y del Renacimiento, pág. 26).

Correu por muito tempo que esta nova armadura fôra importada do Oriente pelos Cruzados, porém, vamos encontrá-la não só representada em documentos e monumentos, como

também dela se acharam fragmentos em várias sepulturas no norte da Alemanha, muito anteriores às Cruzadas. Esses fragmentos foram suficientes para reconstituir um todo, pois estavam relativamente, em bom estado.

A armadura de malhas foi sujeita a variantes: umas vêzes é o lorigão de capuz ou camal de malha muito justo à cabeça e as calças inteiras com os pés; outras é um corpete com as calças altas aderentes e umas calças com pé ou borzeguins, tudo de malhas, completando a defesa do corpo.

No fim do século XII tôdas as vestimentas de malhas já têm mangas justas até os pulsos e nos começos do século XIII luvas aderentes do mesmo gênero e contextura, apenas com a divisão do polegar.

As malhas aperfeiçoam-se, têm os elos mais apertados e apresentam no conjunto um tecido mais flexível. Começam-se a fabricar duplas ou em duas camadas sobrepostas.

As armas defensivas do cavaleiro são: a **espada**, que poucas alterações sofreu, conservando a fôlha larga, curta e de dois gumes; o punho em cruz e romba a extremidade; a **lança**; a **acha d'armas** e **borda**, pesada e tosca massa de madeira crivada de pregos, não sendo esta arma muito generalizada nas regiões da Europa meridional.

Os peões usavam armas defensivas dos cavaleiros dos séculos precedentes, ou seja a lotiga primitiva de capuz (que em Portugal se continuou usando até aos meados do século XIV) e no século XII combatiam com a cabeça defendida por uma faixa de sola simples ou reforçada de tiras de ferro repregado. E' só no século XII que a peonagem faz uso das **cervilheiras** mas ainda de sola, tachonada de pregos e aperfeiçoada sucessivamente de virolas de ferro. Os cavaleiros, no entretanto já no século XII, tinham substituído os capacetes **nasal** e **guarda-nuca**, pela **cervilheira de ferro** (fig. 6) (espécie de coifa pequena que se usava, quer por baixo do capuz de malhas, quer por cima, e que se sobrepunha em ambos os casos a uma **coifa** ou **chapeirão** estofado). E' entre o século XII e XIII que começa a aparecer a **capelinha** (variedade da cervilheira).

Por baixo das malhas e a fim de diminuir a fôrça dos golpes e as contusões que a própria malha produzia, vestia-se uma camisola acolchoada.

Este artifício mais sòlidamente elaborado foi adotado como armadura dos peões. Sabemos por Fernão Lopes que em Portugal, conjuntamente com uma reforma geral do arma-

mento no reinado de D. Fernando I, foi proscrito o **gambais** ou **gambesou**, a que o próprio Fernão Lopes chama **cambais**, e que desde a princípio da monarquia se usava, acolchoado também e transformado porém em sobre-cota, isto é, usado por cima da loriga ou mesmo sem ela, pelo menos assim se vê representada a efígie de D. Sancho I nos marabítmicos (3) ou moedas de ouro da sua época. O único exemplar do **cambais** que se tem notícia, encontra-se no Museu de Munique, entretanto, o termo **gambais** é francês e applicava-se à substância que estofava estas cotas, porém, por extensão tomou-se a parte pelo todo, assim ficou sendo chamado essa cota.



Fig. 6. — Cervilheira de ferro do século XIII (Weygand, op. cit., pág. 60).

Remonta a esta época a adoção de uma chapa larga de ferro sobreposta, no peito, à loriga de malha; é a reparição, sob forma imperfeita, da couraça dos antigos, olvidada durante alguns séculos; e começam os cavaleiros a envergar por cima das malhas o **laúde**, **loudel**, **laudél** (do latim **lodix**), ou sobre-cota, que é uma espécie de túnica sem mangas, aberta na frente da cintura abaixo.

E' muitas vêzes também chamada de **surrão** ou **surame** (neste caso sofrendo a influência do francês **sarrau**) e raras vêzes **balandrau**, que eram vocábulos applicados a alfaias de vestir, cuja forma essas sobre-cotas imitavam. No peito e até

(3). — Morabítmicos, maravidi ou maravedi, antiga moeda gótica, usada em Portugal e Espanha, onde teve geralmente o valor de 27 réis ou melhor 27 centavos.

na superfície total do **laudel** passaram os nobres a usar suas armas heráldicas pintadas ou bordadas esmeradamente pela mão de sua bem amada.

O homem do medievo, não julgando o corpo ainda bastante protegido, acrescentou à cota certas chapas de ferro nos ombros e nos joelhos. As primeiras, em que os freires das ordens religiosas traziam pintada a cruz distintiva da ordem militar que pertenciam, e que eram a tentativa da **espaldeira** ou defesa do ombro da armadura do século XV; pouco tempo estiveram em uso, pois eram incômodas e pouco sólidas. A **joelheira** era redonda e protegia, como o nome indica o joelho. Ficou em uso aperfeiçoando-se mais tarde. Vamos encontrá-la mencionada num testamento do fim do reinado de D. Sancho I, em pleno século XIII.

Têm início nesta época a generalização do **poleax**, grande machado de cabo largo, **acha de armas** (timbre que em Heráldica, indica a nobreza de origem militar) do peão, que foi de invento inglês.

Não satisfeitos com a já pesadíssima carga que suportavam, os cavaleiros aumentaram-na fazendo o acréscimo do **elmo**.

Assumiu o elmo depois formas das mais variadas, porém sempre foi grande e pesado. Era usado por cima da cervilha.

E' notável o amor a pele que tiveram nossos avoengos, porém não deixaram de dar provas também de que eram prudentes e cautelosos.

O cavaleiro só envergava seu **elmo** quando era dado o sinal para a pelêja, nos intervalos ou durante a marcha, traziam-no pendurado no arção da sela. Os elmos destinados a servir nas **Justas** e **Torneios** eram maiores e mais pesados (4).

Nas armas defensivas não se operaram mudança muito sensível até meados do século XII. Apenas o uso de fechar o **elmo** na frente, com uma **grade fixa** ou **postigo** perfurado de orifícios para permitir ao cavaleiro ver e respirar.

E' adotado também o uso de encimar com o timbre heráldico pessoal do cavaleiro, o que lhe dá um aspecto por vêzes fantástico e sempre variado e extravagante, chamado de **elmo de cimeira**. (Fig. 7).

(4). — O elmo que está no Mosteiro da Batalha e que se diz ter pertencido a D. João I é um desses elmos de torneio.

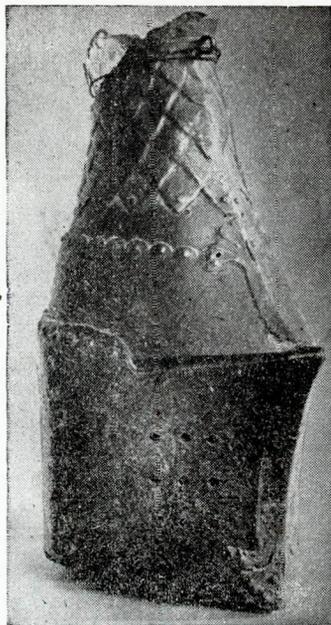


Fig. 7. — Elmo de Cimeira. Século XIV. (Weygand, op. cit., pág. 66).

O lorigão, que se chama agora **camizote**, imita a tendência do vestuário da época, descendo até as canelas e com êle desce mais a **sobre-cota**.

A inferioridade do armamento da peonagem e a dificuldade em ferir o cavaleiro (quase invulnerável dos pés à cabeça) tornou-se geral durante a pelêja e por isso adotou-se a prática de empregar o peão o máximo esforço em ferir o cavalo a fim de derrubar o cavaleiro, porque, êste uma vez por terra, devido ao pêso enorme que sustentava, e peado ainda seus movimentos, ficava inerte, semelhante a uma tartaruga de costas voltadas para o chão. Desta forma, era fácil ao peão apoderar-se do cavaleiro.

Datam ainda desta época os **mangoais de guerra** e o **desmontador**, instrumento que, segundo o nome indica, servia para derrubar o cavaleiro. Sua origem é francesa e vem da palavra **désarçonneur**.

Já se tinha a êsse tempo inventado a **besta** (do latim **ballista** ou **ballestra**, espécie de arco de coronha para arremessar

frechas, virotões e pedras, que foi pouco importante a princípio, porém, mais tarde veio a desenvolver-se e aperfeiçoar-se.

Até então era ainda desconhecido todo e qualquer armamento defensivo do cavalo, cujos arreios se conservavam bastante primitivos e toscos. A **loriga**, **loreção** ou **teliz** para o animal, aparece depois do meado do século XIII.

Esta época estabelece um novo período da armadura propriamente dita. Não encontrando ainda suficiente defesa na cota de malha, os cavaleiros começam então a sobrepor-lhe o que se chamou de **prata**, corruptela do francês **plates** e depois **sôlhas**. Eram lâminas curvas de sola, mais tarde de ferro, que aplicavam e afivelavam sobre a malha nos ante-braços (o que se chamou de **braçais**) e canelas, cujo nome, não poderia ser outro se não **caneleiras** (5).

O **escudo** perde um pouco da sua utilidade, pois diminui de tamanho, tornando-se funcional e passando a ser usado pendurado ao pescoço por uma correia, defendendo assim o peito das setas e virotos dos arqueiros ou dos besteiros, a guisa de couraça volante.

As esporas do cavaleiro, os **acicates** da época, são muito longos e ponteagudos. Eram por vezes empregados na defensiva, como meio estratégico para proteger a retirada, espetando-se no chão para deter a infantaria, que para retirá-los perdia tempo.

Assim eram as armas defensivas e ofensivas do homem medieval.

*
* *

III. — A armaria dos meados do século XIII até o fim do século XIV. Formação da armadura e processo das armas em geral.

Nos meados do século XIII o armamento do cavaleiro era o seguinte: o **camisote** de malha com o **camal** ou capuz; as calças inteiras também de malhas, já quase sempre duplas, com as **pratas** ou **sôlhas** sobrepostas a meio braço (do cotovelo até o pulso) e na perna (do joelho para baixo), isto é, **braçais** e **caneleiras**. O uso da **joelheira** e da **cotoveleira** em forma de **rodela**, data também deste período.

(5). — O **Elucidário de Santa Rosa Viterbo**, faz menção das caneleiras de couro, juntamente com outra peça d'armas, os "**mazzequins**" (vocábulo de origem italiana), que constituía uma pequena maça de pau para combater a pé nos torneios).

Começa por êste tempo a aparecer um gênero de armadura que nos parece ter sido a verdadeira precursora, como forma da **armadura** pròpriamente dita; compunha-se de um revestimento completo de tiras de sola, fixas umas nas outras só pelas extremidades, sobrepondo-se um pouco e formando articulações para facilitar os movimentos.

Houve algumas também idênticas na configuração, mas feitas de lâminas de chifre, das quais, contudo, pouco se pode afiançar de positivo porque apenas restam escassos fragmentos em alguns museus.

Até o fim do século XIII já tinham sido acrescentados a armadura os **coxotes** (placas para a defesa das coxas) e os **braçais** eram duplos (isto é, feitos de duas peças, unidos, por meio de gonzos exteriores, e afivelados, encerrando o braço numa espécie de estôjo do pulso ao cotovelo); em breve se completou por forma idêntica a defesa do braço, do cotovelo ao ombro, defesa que se denominou **avan-braço**.

Os ombros tinham ainda por única defesa o **cabeção** ou capuz de malha, ao qual adera por vêzes uma manga larga e curta, sobrepondo-se-lhe no princípio do século XIV uma **rodela** de cada lado do peito, com meio palmo de diâmetro.

E' êste o conjunto das peças defensivas que compõem a armadura nos princípios do século XIV.

Esta evolução coincidiu, como sempre, com a mudança operada no modo de vestir; as vestes talares do século anterior foram de súbito abandonadas em tôda a Europa, depois das grandes pestes (1346-1353), e substituídas por fatos curtos e esticados, nota que no meado do século XIV atingiu um exagêro por tal forma ridículo que valeu aos elegantes dessa época o epíteto pouco lisonjeiro de **coelhos estofados**. A armadura obedeceu pois, como sempre, aos caprichos da moda. O **loreção** e o **camisote** desaparecem, ficando em lugar dêles a **cota curta** ou **jaque** (o **jack** dos arqueiros inglêses). Ficam contudo ainda mal defendidos o peito, as costas e os ombros, o que se supre no fim do século com a invenção dos **corpos de sôlhas**, espécie de meia couraça, ainda não completa, e feita de lâminas articuladas, as quais, defendendo o estômago até a altura dos peitorais, prolonga--se da cintura abaixo em lâminas horizontais para a defesa dos rins; defendia as costas uma peça idêntica.

A defesa dos rins chamou-se **falda** ou **faldra** de ferro ou aço (material que já começava a ser empregado nas boas armaduras).



Fig. 8. — Armadura do século XV (Weygand, op. cit., pág. 91).

No fim do século XIV já estavam inventadas as **escarcelas**, peças oblongas e verticais que se suspendiam (com fivelas, o que era comum a tôdas as peças) pela frente da **faldra**, e que completavam a defesa das coxas. O nome de **escarcelas** vinha-lhes da bôlsa que naquela época se usava pendurada ao cinto ou **pretina**, junto com o **bulhão**, **cutelo** ou **punhal**; e assumiram as formas mais variadas, mas sempre elegantes, nas belas armaduras góticas dos séculos XIV e XV, principalmente nas alemãs. A Alemanha, apesar da lenda e fama atribuir tudo quanto houve de bom e belo em armas aos milaneses, foi sempre o país de onde partiu o progresso das armaduras, e onde as armas se fabricavam melhor e com mais arte. (Fig. 8).

A armadura, no estado de adiantamento que vimos acima, foi introduzida em Portugal durante o reinado de D. Fernando I, por ocasião da vinda dos **inglês** a Portugal, adotando-se também, em substituição do pesado e incômodo **elmo**, que ficou sendo de uso exclusivo para **justas** (Figs. 9 e 10) e torneios, um capacete oval elevado, ou melhor ogival, ao qual se prendia um comprido e largo cabeção de malhas, que era o **bacinete de camal**.

A êste se acrescentou, para a defesa do rosto, um apêndice móvel, girando sôbre parafusos, que o cavaleiro baixava ou levantava a vontade. Descido, fazia lembrar o focinho de um lobo; foi a primeira forma de **viseira**. Os capacetes desta configuração ficaram tendo em Portugal o nome de **barbudas** (6).

O **guante** já aparece durante o século XIII, assim como o **sapato de ferro**.

O **guante** (Vide fig. 12) compunha-se de uma luva de couro de anta coberta de lâminas repregadas e articuladas; começaram os **guantes** por ter as falanges separadas; foram unidas estas mais tarde, para proporcionar mais sólida defesa à mão, e adotada a **manopla**, guante sem divisão de dedos, que se usou até o século XVI.

O **sapato de ferro** era adornado por um número variável de lâminas assentadas sôbre o sapato ordinário, com o mesmo sistema de articulações que governam tôdas as peças da armadura. (Fig. 13).

(6). — Assim se chamou a certa moeda de prata, que valia cem réis ou melhor, 10 centavos, cunhada por el-rei D. Fernando, em que a efígie do monarca é representada com um dêstes encimado por uma corôa.



Fig. 9. — Justas em honra da entrada em Paris da rainha Isabel. Século XV (Lacroix, op. cit., pág. 549).

O sapato é nas armaduras uma das partes componentes que mais auxílio ministram para a determinação da época a que pertencem. Os primeiros sapatos, de 1250 a 1300, apresentam forma piramidal reta, terminando em ponta aguda; dessa época até 1450, aproximadamente, a forma piramidal é exteriormente em curva ondulada, afetando a forma do arco ogival lenciolada, mas com o bico extremamente longo. Este uso deu lugar a freqüentes episódios cômicos. Na última Cruzada os cavaleiros de João-sem-Mêdo (7), surpreendidos pelos cavaleiros agarenos, são obrigados a cortar com as espadas as pontas dos sapatos para poderem meter os pés nos estribos. Fato idêntico sucedeu em Badajoz com os cavaleiros de el-rei D. Fernando I, ameaçados de improviso pelos es-

(7). — Duque de Borganha, filho de Filipe III e neto de João, o Bom; disputou o trono da França e morreu assassinado em 1419.



Fig. 10. — Elmo. Século XIV. (Weygand, op. cit., pág. 66).

panhóis, o que Fernão Lopes, na crônica daquele monarca, conta com certa graça.

Existe um exemplar pertencente à coleção do Duque de Northumberland, em que existe na joelheira da armadura uma argola e um pedaço de cadeia, havendo na ponta do sapato argola idêntica com outro fragmento de cadeia; era para prender o bico do sapato à joelheira, porque se usou no traje civil nessa época, cujo viver nos pintam rude e singelo, a moda apresenta caprichos os mais singulares e desvairados. Desde 1450 até o fim do século XV a forma geral do **sapato de ferro** é a do arco ogival em lanceta ou ponta de lança; no princípio do século XVI é rombo; no norte da Europa, sua designação é **bico de pato**. De 1530 a 1580, é muitíssimo largo na extremidade a semelhança do chapim, do pantufo, e do sapato apantufado das modas alemãs que então tinham o nome de **pé de urso**. (Fig. 14).

Foi sua última expressão, porque dessa época em diante é geralmente banido o **sapato**, assim como a **greva** (do castelha-



Fig. 11. — Barbuda, raríssimo exemplar, com o protetor para o nariz móvel, prêso inferiormente no gamal de malhas e na parte superior do capacete, usado na Alemanha no fim do século XIV. (Viollet-le-Duc, op. cit., pág. 187).

no greba) ou polaina de ferro que defendia até então a perna, do tornozelo ao joelho.

As modificações sucessivas do sapato não podem determinar-se com exatidão, pois os documentos existentes, fornecidos na sua maior parte pelas esculturas tumulares, apresentam durante extenso período, a armadura de caráter pronunciadamente ogival, mantendo-se em quase tôdas o sapato em ogiva.

O sistema geral da armadura do cavaleiro, no princípio do século XIV, ainda que estivesse longe da perfeição que atingiu dali a cem anos, fixa-se então durante uns trinta anos, introduzindo-se-lhe apenas ligeiros aperfeiçoamentos tendentes a melhorar a articulação das peças para dar mais facilidade ao jôgo dos membros.

As armas ofensivas tinham por êsse tempo experimentado alterações, havendo a registrar vários e importantes inventos.

A lança usava-se agora enorme em comprimento e grossura; tinha o conto, ou couce, ferrado; a metro e meio acima

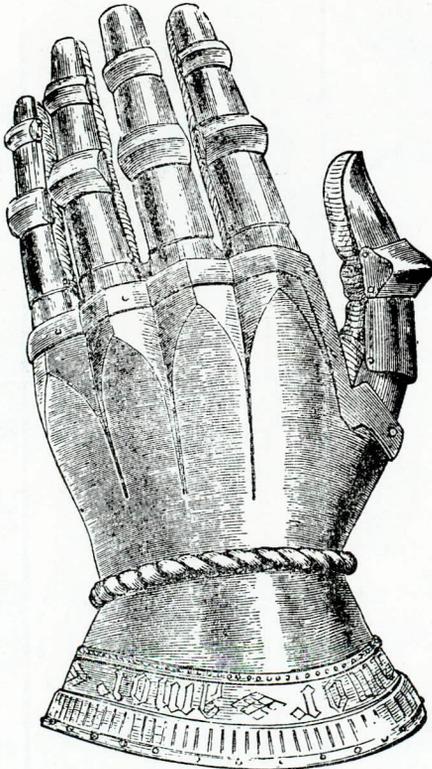


Fig. 12. — Guante, século XIV. (Viollet-le-Duc, op. cit., pág. 456).

dêste existia uma cava na haste ou fusta para firmeza da mão; adiante desta empunhadreiro (do castelhano **impolgadeira**), uma rodela de ferro ou aço, de grandes proporções, protegia a mão.

Eram descomunais em tamanho e pêso as **lanças de torneio**, porque é mister que se saiba que as **armas de torneio**, ao invés de que vulgarmente se julga, foram sempre as mais pesadas e complicadas na forma (Vide fig. 9).

À **massa de armas**, que crescera em tamanho e que já era por si uma arma formidável, viera juntar-se o **chicote de armas** (ou flagelo), espécie de azorrague cujos loros eram cadeias, das quais pendiam esferas de ferro crivadas de espigões agudos. A **acha de armas** veio a ser dupla ou de dois cortes, e mais tarde se lhe acrescentou uma ponta de lança. O **martelo**



Fig. 13. — Sargentos de armas. Século XIV. (Lacroix, op. cit., pág. 415).

de armas, cuja forma o nome está indicando, também tinha a haste rematada em lança.

O **montante**, ou espada que se brandia com ambas as mãos, generaliza-se também no século XIV.

Tôdas estas armas descritas eram penduradas pelo cavaleiro no arcão da sela do seu cavalo de "batalhar", com exceção da **lança** e do **escudo**, que eram levados pelo escudeiro ou **pagem de lança**, durante as marchas, o qual, junto com meia dúzia de homens **d'armas**, a pé e a cavalo, constituíam o sé-



Fig. 14. — Cavaleiros alemães. Século XV. (Lacroix, op. cit., pág. 444). Observar os sapatos de ferro arredondados (pés de urso), as grevas e o "saio de pregas", 1580.

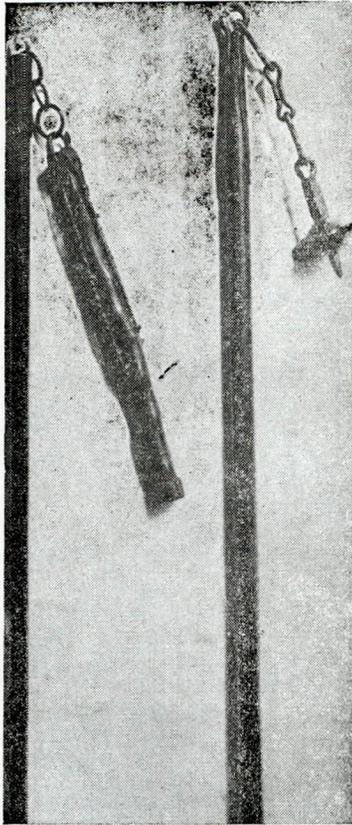


Fig. 15. — Dois chicotes de armas. Século XIV. (Weygand, *op. cit.*, pág. 73).

quito obrigatório do cavaleiro nobre e solarengo; séquito êste que defendia-o, levantava-o se caia por terra, ajudava-o a apear-se e a montar, e fornecia-lhe alternadamente as armas de que queria servir-se durante a pelêja.

O cavaleiro só envergava a **armadura** próximo do momento do combate; e só então, também, trocava o seu ginete ou cavalo ordinário pelo corcel ou **adextrado**, isto é, pelo cavalo de batalha, donde se deduz que vem de éras remotas a locução: é seu cavalo de batalha, que posteriormente, por corruptela ficou "**cavalo de batalha**".



Fig. 16. — Cavaleiro em indumentária de guerra. Século XI. (Lacroix, op. cit., pág. 32).

As únicas armas ofensivas que o cavaleiro jamais largava eram a **espada**, então já longa e esguia, com os quartões recurvados para o lado da fôlha, e que se chamava **estoque**; e o **bulhão** ou a **misericórdia**, punhal delgado e comprido que lhe pendia do cinto.

O corcel aparece revestido de uma **armadura**; é o **teliz** (Figs. 9 e 16), espécie de loregão, tachonado de ferro, entretecido de loros, com **pescoseira** ou **capuz**, completado na frente por uma testeira de ferro que lhe defende a cabeça, e que por vêzes é armada com espigão na testa. Há um exemplar de **testeira de cavalo**, no Arsenal de Lisboa (Fig. 17).

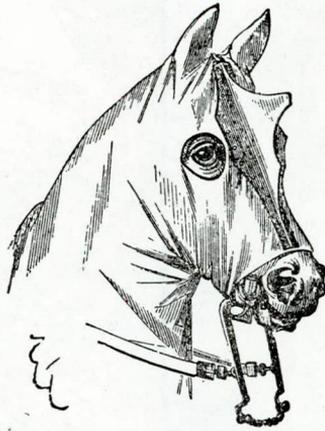


Fig. 17. — Testeira. Século XIV. (Viollet-le-Duc, op. cit., pág. 263).

E' curiosa esta época, pelo discutida luta, travada entre o armamento do cavaleiro e o do peão. Êste último, não podendo equiparar-se ao primeiro na armadura, já pela escassez de meios, já pela necessidade de conservar a agilidade indispensável para as marchas e para combater a pé, desferrava-se nas armas de arremesso, e ainda mais nas de fute, as quais nesta época passam por uma verdadeira transformação.

Principia aqui essa longa série de armas formidáveis nas mãos vigorosas da peonagem rude, armas que tiveram tôdas a sua esgrima especial, e de cuja eficácia se poderá julgar pelos vestígios deixados no jôgo da **bengala**.

Atingiram algumas dessas armas de fute 22 palmos de comprimento. As de uso mais geral foram a **alabarda**, o **pique** e a **lança**.

A **alabarda** (vide fig. 18) veio a ser arma terrível nas mãos dos suíços, cuja tática e manobras foram adotadas geralmente no século XVI e deu origem mais tarde à formação, por quase tôda a Europa, de companhias ou terços de alabardeiros, compostas na sua maior parte por mercenários dessa nacionalidade.



Fig. 18. — Escudeiro armado com alabarda. Besteiro, armando sua besta de polé. Século XV. (Lacroix, op. cit., pág. 46).

A sua forma é aproximadamente a de uma **acha de armas** dupla, com o ferro anterior menor, montada sôbre longo cabo ou bastão ferrado. Foi sujeita a inúmeras variantes de forma durante o período gótico; e durante o Renascimento tornou-se, pela riqueza da ornamentação, um verdadeiro objeto de arte.

O **pique** é uma lança de ferro comprido (Fig. 19).

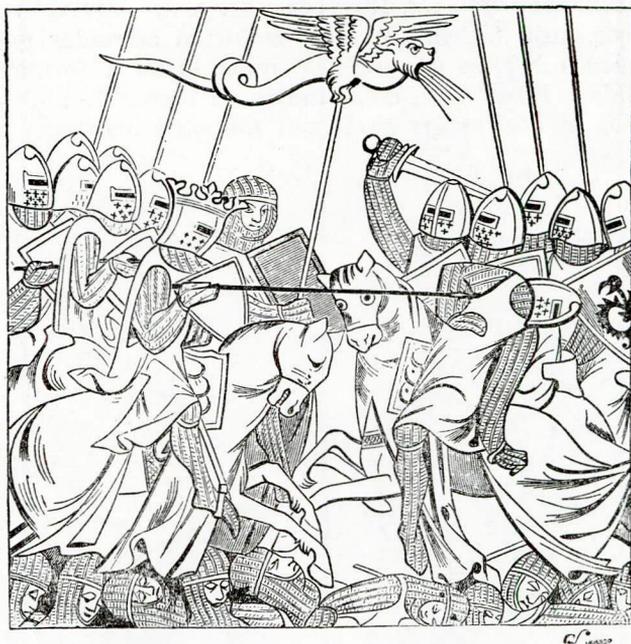


Fig. 19. — Miniatura do século XII, onde podemos observar o escudo quadrado e o pique. (Viollet-le-Duc, op. cit., pág. 178).

A **chuça** e **chuço** e o **lanção** são variantes, cuja diferença é hoje difícil de discriminar.

A **lança** é a antiga lança do cavaleiro dos séculos precedentes.

Veio juntar-se a estas a **bisarma**, a maior de tôdas, e aquela cuja forma foi a mais complicada. Era uma espécie de ferro, terminado em ponta de lança agudíssima e com um ou mais espigões ou rostros, projetando horizontalmente o seu ferro; junto a hasta ia engrossando. Era ao mesmo tempo lança, foice, hacha e martelo. O gancho em forma de podão servia para derrubar o cavaleiro e cortar as pernas do cavalo. Os ferimentos desta arma eram horríveis.

Depois veio o **bisagudo** ou **forcado**, cuja forma o nome está indicando, e que servia principalmente nos assédios das praças.

A **foice de guerra**, semelhante à foice roçadeira, mas cuja forma foi divergindo pouco a pouco .

O **foucinho** ou **foice de brecha** (**breckmesser**, que vem do alemão), semelhante a um enorme cutelo ou navalha de barba, gigantesca, arvorada na ponta de um pau, que algumas vêzes é confundida erradamente com a **bisarma**. A **vuldge** dos ingleses, que vem do francês **voudje** ou **venábulo de guerra**, hoje eram raríssima, que pouco tempo se usou (provavelmente por ser demasiadamente pesada), era uma espécie de machado de ferro enorme, rematando em ponta. A **córsica** ou **corsisca**, ou ainda **roncone** dos italianos, espécie de tridente com duas pontas laterais em curva concêntrica, originária da Córsega, como o nome indica, e finalmente a **partasana** (em espanhol **partesana**), cujo ferro se assemelha ao de uma larga adaga montado em haste, e que só aparece no fim do século XV, completavam essa extensa série de instrumentos terríveis de destruição com que a peonagem tentava neutralizar o embate das hostes de cavaleiros, massa invulnerável de ferro, espécie de arsenal ambulante que no primeiro impulso despedaçava tudo quanto se lhe antepunha.

A origem da maior parte destas armas são de ferros de monte ou instrumentos de lavoura, e mesmo os de uso doméstico, que o camponês teve tanta vez de transformar em armas improvisadas contra as depredações das terríveis companhias francas, tropas mercenárias e assalariadas que batiam sempre a favor de quem pagava mais e que se desforravam dos ócios da paz, saqueando e praticando tôda a espécie de atrocidades e desacatos nas pessoas e bens dos pobres lavradores.

O resto das armas mencionadas foram introduzidas pelos próprios mercenários.

Tôdas mais ou menos se foram aperfeiçoando e se tornaram durante o século XV tipos interessantíssimos para a arte, pelos feitos caprichosos que lhes imprimiram o talento e a veia inventiva dos incomparáveis mestres dos períodos ogivais. Do século XVI em diante cessa a invenção; os tipos tendem a fixar-se, e o interêsse que oferecem é o da ornamentação, opulentíssima e afinal exagerada no século XVII, em que a maior parte delas cai em desuso.

A **espada**, nos países em que dominava o feudalismo, foi sempre vedada ao peão e êste, então, a substituiu por longos cutelos e punhais que trazia prêso ao cinto, e com os quais derrubava o caveleiro, procurando ferí-lo pelas juntas da armadura, passando em seguida a despojá-lo dela, com o auxílio dos seus companheiros, vendendo-a afinal e repartindo

o preço em comum. Havia sempre um judeu à mão para esses negócios, pois eles seguiam sempre à distância os exércitos.

A peonagem usava também já o **bacinete de camal** e a **almofreixa**, espécie de capalina; defendia o corpo com o **jaque** ou **cambais** curto, **braçais** de sola (sem avan-braço), e enormes joelheiras com meias solas que defendiam uma parte da canela e da coxa. Este armamento foi adotado por imitação dos arqueiros ingleses (**Yeomen**), cujos arcos enormes (da altura de um homem) com seus tiros de frechas certos e mortíferos os tornavam rivais únicos dos **alabardeiros** suíços. Quando estes vieram a Portugal com João de Ghaunt, no tempo de D. João I, foi o seu armamento adotado pela peonagem e besteiros. Não o aceitaram estes sem resistência, o que era frequente nas outras nações. O povo, com o seu bom-senso prático, reagia contra a armadura que causava doenças e deformações; a sua defesa predileta era o **capuz de malha** ou **capuz de mangas**, o **alieret** inglês. Chama a nossa atenção entre as armas de arremesso deste período a **besta**, cuja origem é ainda obscura, mas já existia no século XI. Nos primeiros tempos foi pouco eficaz, mas aperfeiçou-se sensivelmente e nos fins do século XIV era a arma de arremesso mais usada. Houve bestas de vários sistemas e de formas variadíssimas.

A sua estrutura geral e comum às diversas variantes é a de um arco de arqueiro com a competente corda atravessada no meio pela extremidade superior de uma haste ou coronha, com uma noz no centro para estribar a corda, e a qual correspondia pela parte inferior da coronha um gatilho para disparar o tiro.

Dentre as variantes desta arma, as que foram mais conhecidas, e as que mais se usaram destacamos: **besta de polé**, a **besta de garrucha**, a **besta de tórno**, a **besta de pelouro** e a **besta de bodoque**.

A **besta de polé** (Fig. 20) armava-se por meio de um sarilho ou polé (do francês **poulie**) colocada horizontalmente num chanfro aberto na extremidade inferior da coronha ou haste, à qual vinham enliar-se cordas verticais que prendiam a noz de correr em que estribava a corda do arco; retezada a corda e colocada a seta, disparava-se o tiro puxando o gatilho. A polé ou sarilho era posto em movimento por duas manivelas colocadas nos lados inferiores da coronha e correspondendo ambas aos eixos do mesmo sarilho; para esse fim colocava o besteiro o pé num estribo ou argolão que projetava além da

ponta superior da haste junto ao arco. Este estribo é comum a todos os outros sistemas da mesma arma (Vide fig. 18).

As **bestas de garrucha** eram armadas por um sistema às vêzes muito complicado de engrenagens, que soltava ou colhia a corda. O seu tiro, certo e de mais alcance do que qualquer das outras, era contudo moroso; inventou-se um maquinismo, espécie de manivela ou tórno aderente a um pé de cabra, que se applicava ao nó da besta na ocasião de armar e

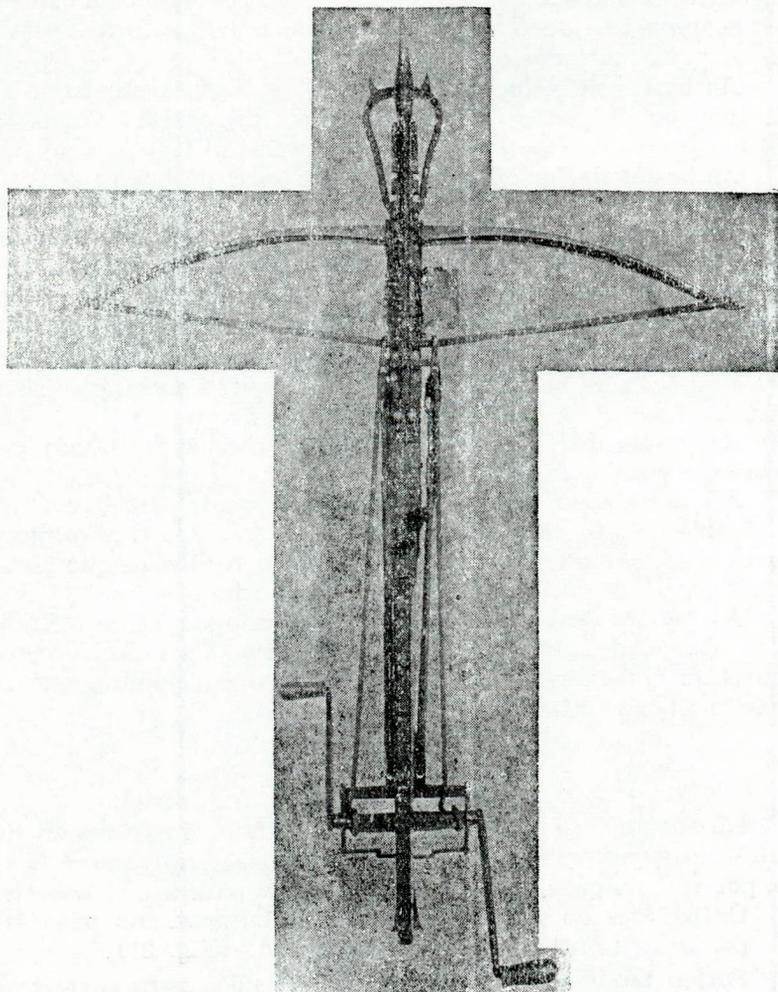


Fig. 20. — Besta de polé. Século XV. (Weygand, op. cit., pág. 96).

ao qual se chamou **armatoste** (corruptela do italiano). Armada a besta, o besteiro recolhia o armatoste numa bolsa de couro que lhe pendia do cinto.

Os besteiros de garrucha eram companhias escolhidas, quer a pé, quer a cavalo.

Chamavam-se **besteiros do couto** aquêles que eram fornecidos pelos municípios.

A **besta de tórno** tinha no centro da haste uma roda de encôntro, de ferro, cujos dentes postos em contacto com os dentes de uma tira de ferro, estabelecia o movimento necessário ao nó para retezar a corda.

As **bestas de pelouro** tinham cano e disparavam balas de chumbo ou de pedra (pelouros). Parecem ter sido armas do último período da **besta**, isto é, do século XVI.

As **bestas de bodoque** disparavam balas de barro; seu uso parece ter sido destinado somente à caça. Tinham duas cordas paralelas e entre elas uma rêde e empunhadeira no cabo.

Há ainda uma espécie que chamaram **escorpião**, cuja forma os catálogos mencionam, porém não a descrevem, e o **bestão** mencionado por Gomes Eannes de Azurara, historiador português do século XV, em sua **Crônica de Ceuta**, que era uma **besta** ou **balista** enorme para defesa de muralha em assédios e que deve ser classificada como máquina de guerra.

As bestas disparavam setas que se chamavam **quadrelas**, **virotos** e **virotões**.

A **quadrela** era um dardo pesado, de quatro faces, comum ao **bestão** e às **bestas** de não de maior dimensão. O **virote** era curto e emplumado no conto, assim como o **virotão** que só se diferenciava do virote por ser mais comprido.

As pontas destas setas variavam muito de forma. Eram lisas e barbadas, tripontadas ou facetadas. Os besteiros costumavam embeber-lhes as pontas no suco do **elébora**, que se chamava por isto **herva de besteiros**.

*

* *

No século XIV deparamos com um novo instrumento de defesa: o **pavez**, escudo enorme de madeira, reforçado de ferro, por traz do qual se abrigava o besteiro para armar a besta.

Os **pavezes** do século XV têm dois buracos, um para fazer pontaria e outro para disparar o tiro. (Fig. 21).

Foram também empregados como escudos para cavaleiros e homens de armas nos tiroteios durante os assédios a praças